vinetur

Grupo agrícola do Piemonte pede suspensão de novas autorizações para plantar vinha após consumo de vinho em Itália cair para 20 milhões de hectolitros

A Confagricoltura afirma que a quebra da procura, a descida de 20%-30% dos preços dos vinhos DOP e os elevados stocks exigem medidas de emergência para controlar a oferta

sábado, 21 de novembro de 2026



Uma organização agrícola italiana pede a suspensão de novas autorizações para plantar vinha no Piemonte e a adoção de medidas de emergência para gerir a oferta, numa altura em que os produtores de vinho enfrentam uma quebra do consumo, preços mais baixos e elevados níveis de stock.

Num comunicado divulgado na sexta-feira, 20 de novembro, a Confagricoltura Cuneo afirmou que os produtores precisam de medidas para reequilibrar a oferta e a procura e proteger a sustentabilidade económica do setor vitivinícola. A posição foi apresentada no dia anterior, numa conferência realizada no Castelo de Grinzane Cavour, no Piemonte, onde representantes do setor e analistas de mercado avaliaram a quebra do consumo em Itália, as pressões sobre as exportações e as medidas adotadas em França para lidar com o excesso de produção.

Gian Luca Demaria, presidente da secção vitivinícola da Confagricoltura Piemonte, afirmou na quinta-feira, 19 de novembro, que a região está a avançar a «duas velocidades». Nos últimos 15 anos, a área de vinha na província de Cuneo aumentou 2.000 hectares, enquanto outras províncias produtoras de vinho perderam vinhas e empresas, afirmou. Ao mesmo tempo, acrescentou, o setor enfrenta pressões de curto

prazo, incluindo tarifas em mercados de exportação importantes, como os Estados Unidos, preocupações relacionadas com a saúde e o consumo de álcool e custos mais elevados em toda a cadeia de abastecimento, além de problemas estruturais mais profundos associados à quebra da procura.

Demaria afirmou que o consumo de vinho em Itália caiu de 24 milhões de hectolitros para 20 milhões em quatro anos, enquanto a proporção de consumidores regulares recuou de quase 60% para menos de 40%. Disse que a Confagricoltura Piemonte pediu a suspensão de novas autorizações de plantação e a ativação dos instrumentos disponíveis ao abrigo do regime da UE para o mercado vitivinícola, começando pela vindima em verde, um programa que reduz a produção através da remoção das uvas antes da vindima. Quanto à destilação, afirmou que a organização só apoia a medida se esta for planeada e estiver associada a cortes na produção.

Afirmou que essas medidas devem ser tomadas antes de as autoridades começarem a discutir opções mais drásticas, como o arranque de vinhas. Observou que França, Califórnia, Austrália e Suíça já aplicaram ou adotaram medidas de arranque, enquanto a Alemanha está a debater a questão.

A conferência, organizada pela Confagricoltura Cuneo com o apoio da Câmara de Comércio de Cuneo e do Banca d’Alba, incluiu também uma apresentação sobre o mercado por Denis Pantini, responsável pelo Nomisma Wine Monitor. Pantini afirmou que o setor vitivinícola mundial enfrenta uma contração mais ampla do consumo, associada à mudança de hábitos e preferências dos consumidores. Em Itália, a quebra continua evidente, sobretudo nos vinhos tintos, enquanto as preocupações com a saúde e o bem-estar têm um peso crescente nas decisões de compra, afirmou.

Pantini afirmou que as exportações de vinho do Piemonte caíram 2,8% em 2025, mas recuperaram 2,3% no primeiro semestre deste ano. O panorama foi menos favorável para os vinhos tintos DOP do Piemonte. Entre janeiro e agosto, em comparação com o mesmo período de 2024, as exportações desses vinhos caíram 9,7% em valor e 6,9% em volume.

Na província de Cuneo, os stocks totais de vinho nas adegas ascendiam a 2,125 milhões de hectolitros em 31 de julho, menos 1,4% do que um ano antes. A Confagricoltura afirmou que a evolução foi mais favorável do que a registada a nível regional, onde os stocks aumentaram 0,1%, e nacional, onde subiram 6,9%. Os stocks de vinhos DOP em Cuneo atingiram 1,759 milhões de hectolitros, cerca de 59% do total regional. Os vinhos tintos representavam 1,341 milhões de hectolitros, seguidos por 388.000 hectolitros de brancos e 30.000 hectolitros de rosés.

Christian Marchesini, presidente da federação nacional do vinho da Confagricoltura, afirmou na conferência que a vindima de 2026 foi marcada por preços mais baixos para os viticultores, com os preços dos vinhos DOP a recuarem 20%-30%. Disse que os stocks estão a aumentar a pressão sobre os balanços das empresas. Em setembro, os stocks nacionais atingiram 41 milhões de hectolitros, um volume praticamente equivalente à produção anual total de vinho de Itália, afirmou.

Marchesini afirmou que uma das respostas mais práticas seria gerir os rendimentos de forma mais rigorosa, sobretudo nas denominações protegidas, onde os consórcios de produtores podem desempenhar um papel. Uma redução da área de vinha através do arranque seria mais difícil, disse, uma vez que exigiria avultados recursos públicos para compensar os viticultores. A Confagricoltura estima que poderiam estar em causa 80.000 a 100.000 hectares a nível nacional, caso Itália pretendesse reequilibrar o mercado.

A resposta francesa foi apresentada por Ludovic Roux, vice-presidente do grupo de trabalho para o vinho da Copa-Cogeca, que participou por videoconferência. Descreveu um plano para o setor centrado na redução do potencial de produção, na gestão dos excedentes através da destilação e numa maior flexibilidade na utilização da área de vinha. Afirmou que França destilou 3,2 milhões de hectolitros de vinho tinto e rosé entre setembro de 2023 e maio de 2024, e mais 670.000 hectolitros em 2026. Quanto ao arranque de vinhas, disse que França interveio pela primeira vez na zona de Bordéus em 2024 e, depois, disponibilizou 110 milhões de euros em 2025 para o arranque definitivo de cerca de 27.000 hectares de vinha. Em 2026, foi criado um fundo adicional de 120 milhões de euros, prevendo-se o arranque de 12.000 a 15.000 hectares. Roux afirmou ainda que o setor precisa de maior transparência na formação

dos preços.

A conferência abordou também o debate sobre o vinho e a saúde. Attilio Giacosa, presidente do Institute for Research on Wine, Food and Health, analisou estudos epidemiológicos sobre o consumo moderado de vinho às refeições no contexto da dieta mediterrânica. Segundo o relato da Confagricoltura sobre as suas declarações, afirmou que esses resultados não constituem uma recomendação para consumir álcool por motivos de saúde, mas também não justificam aconselhar quem já bebe vinho moderadamente às refeições a deixar de o fazer.

Para o setor das bebidas, o debate no Piemonte tem implicações que vão além de uma disputa agrícola local. Cuneo e a região mais ampla são centrais para a produção e exportação de vinhos de gama alta de Itália, sobretudo de vinhos tintos com denominação de origem protegida. Se as autoridades regionais ou nacionais avançarem com medidas para limitar as plantações, restringir os rendimentos ou alargar os instrumentos de apoio ao mercado, essas decisões poderão vir a afetar a oferta, os preços e o planeamento comercial dos importadores e distribuidores que dependem do vinho italiano.

No encerramento da conferência, Alessandro Bottallo, secretário de área da Confagricoltura Cuneo para Alba, afirmou que o setor vitivinícola do Piemonte precisa de medidas imediatas e claras, a nível regional, para controlar a produção e promover os vinhos, em resposta às mudanças do mercado e à evolução dos hábitos dos consumidores.